

sonoridade de vozes e ruídos de motos e pessoas passavam por mim. As pessoas me pareciam estranhas, mas não eram. Tudo estava calmo.

A praça calma, aproximava-se um rapaz que se dirigiu a mim, perguntando:

- Usted quiere arroz, frejon?

Aquelas palavras me pareciam um convite a um almoço, mas eu não o conhecia, recusei, respondendo:

- Gracias, no estoy con hambre.

Quando terminei de falar, fiquei orgulhoso de mim, pois o boliviano entendeu e não insistiu, indo embora. Talvez não fosse eu o objeto do convite.

Mais tarde, conversando com uns colegas, relatei o fato ocorrido, dizendo que não via maldades naquelas pessoas hospitaleiras, convidaram-me, até, para almoçar. O colega me olhou e rindo disse:

- Convidaram nada, frejon e arroz, na Bolívia, quando oferecidos em praça pública, por pessoas desconhecidas, querem dizer que estão te oferecendo cocaína, maconha, brilho e outras drogas.

Aquele esclarecimento me deixou frustrado, mas tudo bem. Eu não estava com fome mesmo.

II - A PEDRA DO GUILHITINHA

Por: Jotatê

- Lá vou eu! Vê-se-me-guentaaaá!!!

E Guilhi saltava da Pedra do Deus-Cão, persignando-se e fazendo medidas, "para que Deus fique jóia e o cão não arme uma das suas". Do Degrau do Afogado a meninada toda saltava, menos Guilhi, porque "não vou me rebaixar" e arrematava sob o olhar de admiração de Pequeno Bom Deus, seu maior fã: "Isso é pulo pra pixote".

A Deus-Cão despontava sobre a copa do Pau D'arco da Tinha, como se fosse um gigantesco ídolo. Muitas vezes, quando Guilhi saltava, trazia nas pequenas mãos viris flores da ciclópica árvore. Ao emergir da corredeira revolta, as erguia como um herói olímpico à platéia delirante. Pequeno Bom Deus dizia: "Guilhi é um pássaro que mergulha; uma gaivota que fataliza os sardinhões no perau". Anjinho Torto contava que no fundo do Rio da Morte Velada, exatamente no lugar onde Guilhi mergulhava no seu vôo cego, três pedras contornavam a entrada do Buraco sem Fim, "que só podia ser caminho para o outro lado do mundo". E observava místico: "Vovô dizia que a Pedra do Deus-Cão era o trampolim donde saltava a lara, a Deusa das Águas, para dentro do Buraco sem Fim. Três faunos tentaram violentá-la e ela os transformou nas Três Pedras do Pecado e sumiu pelo Buraco sem Fim para nunca mais voltar". "Eu acho que Guilhi não é gente - aduzia Anjinho Torto - porque vovô me contou que a lara dissera que mortal algum saltaria da Deus-Cão; se o fizesse, morreria espatifado nas Três Pedras do Pecado".

- Lá vou eu, laraaaaá!!!

Sua voz, praticamente, não se ouvia; sua figura, na ponta da Deus-Cão, "parecia um macaco-prego, equilibrando-se num pedaço de nuvem negra", comparava Tonho da Vidinha. Mas Guilhi não era um ser sobrenatural. Era gente mesmo, doze anos de gente. "Ele é sajica que nem goiabeira", na palavra de Pequeno Bom Deus que não se

cansava de contar: "Dia desses, quando a gente estava no tronco do Pau D'arco da Tinha e a patota conversava conversas de Juma Jurupari, ouvimos um barulho estranho nos arbustos próximos. Quando tentamos correr, Guilhi tomou nossa frente e distendeu seu braço esquerdo num gesto protetor; empunhou sua faquinha de arco de barril e ficou à espera do bicho. Aí saiu da capoeira um grande porco. Guilhi, esboçando um sorriso, disse: Olhai, é por isso que a gente não deve correr sem ver o perigo".

Guilhi, sempre de calção, corpo nu, vivia correndo pelos campos, vadeando banhados e mergulhando nas águas barrentas do Rio da Morte Velada. "Era assim como um animalzinho selvagem, filho da mãe-terra com o deus-sol", que tinha por pousada terrestre a casa de Tia Magá que uma noite o recolheu de sua porta de japá e disse com o coração: "Não tenho o que o periquito roa, mas vou criar porque pode ser o Enviado...".

Guilhi, "buliçoso como vento", cantava baixinho batucando no tamburete de macaúba: "Eu me chamo Guilhermino/Minha mãe não conheci/ Foi nas águas do Amazonas/ Que disseram que eu nasci". Tia Magá, cheia de orgulho, explicava à vizinhança: "Não boto peias nele. Ele é livre e forte como o vento das tempestades que nada segura na sua caminhada pelos confins". E acrescentava: "Tem vezes que ele sai por aí não sei por que brenhas e só aparece dias depois, sem dizer por onde andou. Tenho vontade de ralhar, mas não ralho. Sabe lá que fado ele cumpre? Sabe lá quem o deixou na minha porta naquela noite de trovoada? Assim como pode ser alma vivente, pode ser gente do fundo". Persignava-se e enfileirava uma série de observações suas que a levavam a essa conclusão: "Por exemplo - perguntava ela - quem tem coragem de ir à Cabeceira do Japó, mesmo de dia? Pois bem, o Guilhi vai à noite, escuro que nem o breu". O lugar citado por Tia Magá era uma espécie de zona proibida, onde corria de boca em boca que lá se reuniam as almas penadas e os encantados. "Aquilo, de noite, toma vida de corrutela: É galo que canta, sinos que dobram, gado que muge, cachorro que late e vozes de gante se ouve mas não se entende". E disso ninguém duvidava porque o fato era contado por Catingueira, o pajé mais afamado de toda a Costa do Itaboraí. E ele mesmo, perplexo, certa vez comentou que vira Guilhi, em noite de lua clara, cavalgando velozmente no dorso de uma tapiraiauaara...

Mas Guilhi não era encantado, era gente mesmo. E se trazia nas mãos de relâmpago flores do Pau D'arco da Tinha, era para ofertá-las à própria Tinha, "uma caboclinha diferente", de longos cabelos louros, que seu coração-menino roubou. Ele mesmo batizara esse majestoso titã da floresta amazônica. E assim o fizera porque "o pau d arco é tão belo e gracioso quanto Tinha". E mesmo porque só ele era capaz de colher, voando, as flores que aureolavam a beleza loura-selvagem de Tinha... "Quando ficar grande vou casar com Tinha... Para a festa vou convidar Mestre André da Desfiteira, seu Catingueira, a Cobra Grande do Lago de Mariá e o Boto Tucuxi da Enseada do Varre Vento... Depois, mergulho com ela pelo Buraco sem Fim e não bóio nunca mais". Tonho da Vidinha, Anjinho Torto, Pequeno Bom Deus e Pirralho Falho escutavam embevecidos essas estórias e as transmitiam, como biógrafos, garantindo a sua perpetuação. Não duvidavam nem um pouco, porque "quem salta da Pedra do Deus-Cão, colhendo flores no espaço, não mente". Tinha também acreditava e sonhava com esse momento que sabia não estar longe. Certo dia Tonho Mata Brava, "dezoito anos de safadezas no lombo", se engraçou de Tinha e foi logo advertido por Anjinho Torto: "Não te engrança dela que é prometida do Guilhi". Mata Brava não levou em consideração a advertência e se acercou de Tinha: "Sou do Guilhi".

Guilhi sorria e seus olhos tinham um estranho brilho quando disse à turma: "Hoje vou subir a rocha com Tinha e saltar com ela". Aparvalhados, antes que se refizessem do susto, o pequeno casal iniciou a subida. Primeiro, pelo pau d arco. Tinha na

fronte, Guilhi atrás. Depois, passaram dos galhos para uma ponta de pedra e começaram a difícil escalada. Tonho da Vidinha, vendo o perigo, foi correndo chamar Tia Magá e seu Mila, o pai de Tinha. Quando chegaram, Tia Magá e a vizinhança, os gritos aflitos se sucederam: "Guilhithinhaaaá!!!, desçam pelo amor de Deus!!!"

Não adianta, lembrou Pequeno Bom Deus, da Pedra do Deus-Cão só se descê pulando". Por fim, de pé sobre aquele "pedaço de nuvem", abraçados lado a lado, Guilhi e Tinha pareciam duas protuberâncias da rocha ou dois arcanjos. A tensão, entre o povo que foi chegando até virar multidão, era grande mas todos ficaram em silêncio quando Guilhi gritou, já em posição de salto:

- Lá vou eu, laraaaá!!!

Uns dizem que mergulharam outros, que subiram aos céus. Anjinho Torto garante que simplesmente sumiram. O certo, porém, é que a Pedra do Deus-Cão, hoje, se chama "Pedra do Guilhithinha" e não se tem notícia de que mais alguém tenha dela saltado ou voado, para a terra ou para o céu...

LITERATURA REGIONAL

I - RESENHAS E LITERATURA EM RONDÔNIA

Por: Eunice Bueno

1 - RESENHAS

PÉROLA VERDE, 52 páginas, poesia, Editora João Scortecci - SP. Autoria de Maria Júlia Almeida Souza (52), poeta de Guajará-Mirim, Rondônia, lançado recentemente naquela cidade, é a primeira publicação da autora.

Pérola Verde reúne diversos textos em versos, escritos em momentos de reflexão e saudades dos idos anos de infância da autora.

O tema fica entre a infância e a terra, sendo a primeira o principal, escrito com mais sentimento e frequência. Daí concluímos ser este um livro de idéias muito pessoal; sem muito lirismo, mas com forte sentimento de distância e perda (ontem-hoje; criança-adulto).

Pérola Verde é um livro acima de tudo despretençioso, ingênuo, de linguagem clara e coloquial e é também uma boa semente que, bem cuidada, certamente trará novas pérolas maduras e fortes.

PRIMAVERA DE SONHOS, 68 páginas, poesia, Editora João Scortecci-SP. Autoria de Lúcia Ramos Fernandes (15).